



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2018
ISSN 1887-4606
Vol. 12(3) 400-411
www.dissoc.org

Artigo

**Quanto tempo dura uma polêmica?
Nas marchinhas de Carnaval, muito.**

*How long does a polemic last?
in Carnival marchinhas quite a lot*

Ana Cristina Carmelino

Departamento de Letras
Universidade Federal de São Paulo (Brasil)

Maria Cecília Siffert

Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

Uma das marcas culturais do Carnaval brasileiro, as marchinhas costumam se apropriar da realidade social e política do país para pautar, com humor, muitas das letras de suas composições musicais. Este artigo irá abordar esse tema, ajustando o foco em um caso específico, ocorrido em 2017 na cidade de São Paulo. Trata-se da decisão da prefeitura de pintar muros da cidade, confundindo grafites com o que seriam pichações. A medida tornou-se polêmica, dissenso que ecoou na imprensa e que gerou uma marchinha específica sobre o assunto. O trabalho registra como a polêmica se manifestou neste caso, partindo da hipótese de que determinados gêneros - entre eles a marchinha de Carnaval - tendem a prolongar a duração da polêmica, perenizando-a. O arcabouço teórico que irá nortear a análise está ancorado principalmente nas pesquisas de Amossy (2017) sobre polêmica.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Polêmica; Carnaval; Marchinha; Humor.

Abstract

Considering one of the cultural aspects of the Brazilian Carnival, the “marchinhas” usually appropriates – with humor – the social and the political reality of the country as a reference to their lyrics. The present article will address this theme, analyzing a specific case seen in 2017 in São Paulo, Brazil. The focus is the decision of the City Hall to paint walls of the municipality, confusing graphic art with what would be graffiti. The measure became controversial, dissent that echoed in the press and that generated a specific “marchinha” on the subject. In addition to recording the way controversy has been displayed in this case, the exhibition works with the hypothesis that certain genres - among them the Carnival “marchinha” - tend to prolong the duration of the controversy, perpetuating it. The theoretical framework that will guide the discussion is anchored mainly in Amossy's (2017) research on controversy.

Keywords: Discourse Analysis; Controversy; Carnaval; Marchinha; Humor.

Contextualização e caracterização da polêmica em análise

Este texto irá abordar a polêmica que gerou uma marchinha de Carnaval, canção que servirá de base para defendermos a hipótese de como esse gênero (a marchinha) contribui para prolongar ao longo do tempo os discursos que fomentaram o dissenso. Mas, para chegar a ela, e ao que irá fundamentar teoricamente a exposição, é necessário, antes, compreender as raízes que levaram à letra dessa composição musical. A polêmica teve como base um caso ocorrido em janeiro de 2017, envolvendo uma decisão (polêmica) de quem comandava na ocasião a maior cidade da América Latina.

À época, o então prefeito da cidade de São Paulo João Doria (PSDB-SP) decidiu apagar os murais e grafites nos Arcos do Jânio¹ e na Avenida 23 de Maio, um dos principais corredores de circulação de veículos do município. A iniciativa fazia parte de seu programa de limpeza urbana “SP Cidade Linda”, que considerava a arte nos muros de rua como pichação e vandalismo.

Poucos dias após o anúncio da medida, a decisão já tinha repercussão positiva e negativa na mídia, gerando o que Ruth Amossy (2017) chama de polêmica. Segundo a pesquisadora, o conceito pode ser entendido como “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura” (Amossy, 2017: 49). A polêmica, portanto, não é uma simples discussão, uma disputa entre particulares, mas uma oposição de discursos, que comporta discordância, confrontação. Entretanto, destaca a autora, a presença do desacordo, do dissenso é fundamental para a democracia.

Exposta brevemente esta concepção de polêmica, voltemos ao exemplo da limpeza urbana feita em São Paulo. Vejamos algumas das manchetes que circularam após Doria ter sancionado a pintura com tinta cinza em 200 murais, feitos por 500 artistas, para mostrar a instauração do dissenso:

- (1) “Doria apaga grafites em avenida e cria polêmica em SP. Prefeitura está pintando de cinza murais feitos por 200 artistas em 2015” (“O Globo”, 23/1/17).
- (2) “Polêmica em SP gera debate sobre grafite no país; saiba o que pensam produtores e governo da Capital” (“Gauchazh.com”, 25/1/17).
- (3) “Os planos de Doria para a polêmica dos grafites na cidade” (“Veja”, 27/1/17)
- (4) “Quanto já foi gasto com a polêmica do grafite na cidade de São Paulo?” (“Folha de S. Paulo”, 23/3/17)

- (5) “Em meio a polêmica com Doria, grafiteiros defendem diálogo e espaço” (“Globo.com”, 26/1/17)
- (6) “Doria manda apagar grafite. Não há “polêmica”: todo mundo odeia o grafite” (“sensoincomum”, 24/1/17).

As manchetes que se referem ao tema em tela podem ser enquadradas em dois grupos: i) as que apenas confirmam que a ação de Doria gerou polêmica (caso dos exemplos 1, 2, 3 e 4; e ii) as que explicitam posicionamento (favorável ou contrário) à ação do prefeito (casos 5 e 6). É interessante destacar, no entanto, que todos os excertos incluem o termo “polêmica”, que, em sua forma substantiva, remete a uma reação, a uma tomada de posição, tem uma carga discursiva que polariza a discussão sobre o tema.

Nesse sentido, a polêmica assume uma função social, conforme defendido por Amossy (2017), em que posições dissonantes se articulam discursivamente no espaço público (no caso, mediado pela imprensa). A premissa de que ela trata de um evento de interesse público faz com que a polêmica tenha, ao menos, dois lados em um debate ou que coloque dois discursos em presença, permitindo uma apreciação por comparação. No caso em análise, é possível observar o posicionamento do Estado (e de todos os simpatizantes da ação) defendendo uma política asséptica para a capital, e, de outro, artistas e cidadãos se manifestando contra a prefeitura, em virtude de os murais serem uma representação da arte da sociedade, uma manifestação cultural.

No que concerne à caracterização da polêmica, Amossy (2017) destaca ainda a existência de alguns traços que, em uma dada situação, conferem ao fenômeno sua especificidade. Tais traços, que sempre se ancoram em uma situação conflitual, seriam a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro. Em linhas gerais, conforme registra a autora, a dicotomização, de ordem conceitual, busca exacerbar as oposições (como direita/esquerda, tolerante/intolerante, justiça/injustiça, pacifista/beligerante etc.), tornando-as inconciliáveis; seria o choque de opiniões antagônicas, no qual duas opções antitéticas se excluem mutuamente. A polarização, por outro lado, é de ordem social, e consiste em estabelecer campos adversos entre participantes oriundos de categorias heterogêneas que se constituem por identificação; há uma variedade de vozes que se fazem ouvir na sua diversidade. Por fim, ocorre a desqualificação do outro, do adversário. Essa situação é um tanto autoexplicativa: ocorre quando, na disputa, um grupo busca depreciar, atacar, rebaixar o “opponente”; tal traço, conforme a pesquisadora, seria um dos que

singularizam a polêmica verbal. O discurso polêmico é um discurso desqualificador da tese do outro participante da interação.

Levando-se em conta as considerações de Amossy (2017), notamos que os traços caracterizadores da polêmica no exemplo em análise, no que tange à situação conflituosa instaurada, são a polarização e a desqualificação do outro. Na verdade, a polêmica sobre o apagamento dos grafites na cidade paulistana não é uma questão de caráter conceitual, abstrata, que dicotomiza radicalmente o debate, tornando as posições inconciliáveis. Trata-se de uma questão social, que envolve um público diversificado (representantes do Estado; especialistas em grafite; artistas, envolvidos ou não com essa forma de expressão, simpatizantes ou não – e, dada a dimensão da polêmica, há aqueles que sequer vivem na cidade de São Paulo e se manifestaram sobre o tema) que pode ser organizado em dois grupos contrastados por assumirem posições divergentes sobre a ação do prefeito. Vejamos alguns trechos de textos publicados na imprensa e de manifestações veiculadas por leitores na internet:

a) posição de Doria

- (7) Depois de apagar parte do mural de grafites da avenida 23 de Maio, um dos mais tradicionais de São Paulo, Doria mostrou satisfação: “Pinte com enorme prazer três vezes mais a área que estava prevista para pintar, exatamente para dar a demonstração de apoio à cidade e repúdio aos pichadores”. (Doria, em citação reproduzida pelo jornal “El Pais Brasil”, em 25/1/2017)
- (8) “Todos os pichadores são bandidos”, afirma Doria em entrevista a rádio (Doria, em reportagem veiculada pela rádio CBN, em 12/2/2017)

b) posição a favor da ação de Doria

- (9) Estou contigo Doria. Isso mesmo, bate de frente com esses camaradas que não respeitam as leis e acham que podem tudo e que temos que tolerar essa ban-di-dagem. Já já vem o pessoal dos direitos dos manos bater em você, porque você está sendo muito radical com esses ban-di-dos! (comentário de leitor, em reportagem sobre o tema veiculada pelo site UOL, em 4/2/2017)
- (10) “Nem limpo o grafite é bonito. Emporcalha a região e muitas vezes é feito contra a vontade do proprietário do imóvel” (comentário de leitor de reportagem veiculada no site do jornal “O Globo” em 24/1/2017).

c) posição contra a ação de Doria

(11) O grafiteiro Envio, curador de parte das imagens que estão expostas na 23 de maio, diz que não já justificativa para a prefeitura pintar as obras com tinta cinza” (trecho de reportagem veiculada pelo portal G1 em 26/1/2017)

(12) O ativista e advogado Guilherme Coelho também defende a participação dos grafiteiros e a arte de rua na cidade. “Tem muitos muros aí que já são patrimônio. Já é algo estabelecido. Nos últimos anos, o grafite e arte urbana ganhou uma importância muito grande na cidade pra todas as pessoas” (trecho de reportagem veiculada pelo portal G1 em 26/1/2017)

Vemos, a partir dos excertos, que as manifestações por meio de redes sociais e declarações públicas se originam de pessoas que não participam de um só grupo social e que se pronunciam em nome de ideologias diferentes. No entanto, é possível observar um reagrupamento por identificação. Depreende-se, portanto, na caracterização da polêmica, uma polarização ou, como reforça Amossy (2017: 57), “uma grande variedade de vozes que se fazem ouvir na sua diversidade”.

Ademais, observa-se que, na disputa, um lado busca de fato desqualificar o outro (tido como adversário). As falas buscam o descrédito do oponente e o discurso (ou o posicionamento) que ele sustenta (grafiteiros e pichadores são bandidos, vagabundos; Doria seria incompetente; grafite e pichação é arte para uns, mas algo feio, que emporcalha, para outros). Conforme ressalta Amossy (2017: 59), com base nas palavras de Oléron, “a argumentação polêmica visa a um adversário que é preciso rebaixar, diminuir, a ponto de lançá-lo fora da competição”.

Circulação, repercussão e duração da polêmica

Ainda de acordo com as propostas de Amossy (2017), é na circulação de discursos no espaço público que a polêmica se constrói como um debate verbal sobre uma questão social. Sobre a circulação e a configuração dos enunciados, a autora salienta que:

Discursos monogeridos e duelos verbais são conduzidos no fluxo dos enunciados que se entrecruzam e se entrecrocaram para tratar de um assunto controverso [...] nessa expansão, os discursos não se estruturam necessariamente em interações simétricas nas quais cada intervenção reage à anterior. Eles circulam de forma paralela; só se confrontam indiretamente ou se cruzam ocasionalmente. No entanto, ao gravitar simultaneamente no

espaço público, todos contribuem para a construção de uma polêmica sobre determinado assunto de interesse público (Amossy, 2017: 101).

Como se vê nos excertos mencionados acima, a polêmica veiculada no espaço público não se constrói segundo o modelo do diálogo clássico. Os enunciados circulam de forma paralela, não se organizam em interações simétricas, representam falas dispersas, como a do prefeito, de um representante do Estado ou de especialistas em grafite que são inseridas em meio a uma reportagem, comentários de leitores ao longo das matérias.

A repercussão da polêmica pode ser vista tanto pela quantidade de textos sobre o caso que circularam à época tanto pela variedade de gêneros, quanto pela diversidade das mídias (internet, jornais impressos, revistas, redes de televisão, rádios entre outros). As manifestações, especialmente as contrárias ao apagamento de grafites, materializaram-se de formas distintas. Dentre as mais comuns, podemos destacar, além do comentário, o tuíte, a piada, o meme. Registre-se que a polêmica ora apresentada deu origem até a uma marchinha de Carnaval, tópico que discutiremos a seguir e o real objeto de análise deste texto. Na verdade, temos observado (e o caso aqui analisado é apenas um dos exemplos a serem considerados) que a circulação da polêmica tem forte apelo para as produções humorísticas.

Segundo Charaudeau (2013), o humor pode surgir a partir de um ato de transgressão. O estudioso estabelece uma relação entre o humor e a passagem bíblica da Genesis, na qual Eva, Adão e a Serpente estão no dilema diante da maçã. Para o autor, em face do imperativo divino, se opõe o interrogativo demoníaco. Assim nascem a contradição, a oposição, a polêmica, “sem as quais a vida não teria sal” (Charaudeau, 2013).

Ainda que a relação estabelecida entre polêmica e humor não tenha sido explorada na obra de Amossy (2017), convém ressaltar que o aspecto humorístico tem papel relevante no debate sobre uma questão pública. Quantas vezes não tomamos conhecimento de uma polêmica por meio de uma piada ou de um meme sobre o assunto? As produções humorísticas, que geralmente assumem um lado do debate (que tende a subverter sempre), são extremamente importantes para a circulação, repercussão e (por que não considerar?) duração da polêmica.

Sobre a duração da polêmica, Amossy (2017: 48) diz que uma peculiaridade desse fenômeno é o seu caráter efêmero: “estritamente ligada àquilo que preocupa o público num momento preciso, e muitas vezes é tão rapidamente esquecida quanto inflamada na hora em que eclode”. A pesquisadora destaca ainda que: i) os sentidos e os anseios da polêmica deixam

de ser perceptíveis para além de sua duração; e i) alguns deduzem que o estudo das polêmicas se reduz ao estudo de textos fugazes e rapidamente desatualizados.

A essa respeito, consideramos a hipótese de que a duração da polêmica (ou a “sua solidificação”, “perenização”) pode estar relacionada ao gênero do discurso que a materializa. Nesse sentido, é preciso estabelecer relação entre polêmica e gênero. Entendemos que uma forma de estender a polêmica é quando ela se materializa em produções não tão efêmeras e rapidamente desatualizadas (caso de memes), gêneros que, por sua natureza, buscam consagrar e perpetuar a cultura de uma sociedade, que deixem na história o registro de valores e problemas sociais. Consideramos que as marchinhas de Carnaval, entendidas aqui como um gênero, fazem esse papel de prolongar ou manter a discussão.

Consolidação da polêmica: o caso das marchinhas

Como já dito, uma dessas reações contra o apagamento de grafites em São Paulo pelo prefeito João Doria foi a produção de uma marchinha de Carnaval: “Pinto por cima”, de Vitor Velloso, Gustavo Maguá e Marcelinho Guerra.

Pinto por cima (Vitor Velloso, Gustavo Maguá e Marcelinho Guerra)

*Você pode pichar primeiro
Não deixo mole e pinto atrás
Eu quero ver se eu pinto inteiro
Um muro de Moema até o Brás
Pra cidade ficar mais "top"
Na 23 e na Faria Lima
De fantasia pra dar mais ibope
Poso pra foto e pinto por cima!
Pinto na ponte
Pinto no muro
Pinto de branco
Ou pinto mais escuro
Pinto de fora
E pinto dentro
Pinto na Mooca e depois pinto no centro
Eu te faço um convite
Esqueça essa bobagem de grafite
Esse muro fica muito mais bonito
Com um quadro do Romero Britto*

A marchinha “Pinto por cima” apresenta, com humor, tanto questões políticas quanto sociais, retomando o debate público suscitado por ocasião da pintura nos Arcos do Jânio e nos muros da Avenida 23 de Maio. A letra contém frases ambíguas e termos que remetem aos “saberes anteriores à enunciação” (Maingueneau, 2004: 27), e requer, portanto, uma memória discursiva², na qual se tecem os discursos de uma sociedade, em dado estado de sua história.

O humor se ancora basicamente no duplo sentido de uma forma do verbo “pintar”. “Pinto”, primeira pessoa do singular, que aparece no título e em dez trechos da letra, é também uma das formas populares de se referir ao órgão sexual masculino. Cria-se, assim, uma sobreposição de formações discursivas: uma alude ao circuito laboral, que inclui o serviço de pintar (colorir, cobrir com tinta); outra, o âmbito sexual.

Reforça essa leitura dúbia a ocorrência de frases com duplo sentido. Tomemos como exemplo os trechos “Não deixo mole e pinto atrás” e “Eu quero ver se eu pinto inteiro”, que aparecem logo no início da canção. Na primeira, faz-se alusão tanto a uma atitude ativa para realizar o serviço (“não deixo mole”) quanto ao fato de o pênis ficar ereto (não ficar mole, por oposição), a depender do campo discursivo. O mesmo mecanismo é retomado na sequência da frase: “pinto atrás” se refere à atividade de pintar na parte de trás quanto à presença do órgão masculino na região traseira do corpo (nádegas possivelmente). Outro exemplo que também se caracteriza pela ambiguidade é a sequência “se eu”, frequentemente proferida como “seu”. Gera-se, assim, a construção “seu pinto”, que reforça a associação ao aspecto sexual.

Nos trechos “pinto de branco ou pinto mais escuro” e “pinto de fora ou pinto dentro” a dubiedade também pode ser depreendida na relação entre os períodos. O uso da conjunção alternativa “ou” funciona como o gatilho para essa mudança. Em ambos os casos o humor é gerado pela mudança do campo da pintura para o campo sexual: “pinto de branco ou pinto mais escuro” referem-se tanto à cor em que o muro será pintado como aos tons do órgão sexual; já “pinto de fora ou pinto dentro” aludem tanto à pintura do muro em ambos os lados da construção como à relação sexual.

Ainda no que concerne à letra da música, o humor também ocorre nas últimas estrofes “esqueça essa bobagem de grafite esse muro fica muito mais bonito com um quadro do Romero Britto”. Na letra da marchinha, a memória discursiva está presente por ser necessário que o ouvinte saiba que João Doria é apreciador da arte de Romero Britto, tendo em vista que o artista fez uma obra especialmente para enfeitar o gabinete do prefeito. O humor está no fato de

Romero Britto ser um artista plástico que suscita opiniões contrárias e favoráveis a seu trabalho. Nesse caso, a música ironiza ao destacar que uma pintura de Romero Britto seria mais bonita que um grafite.

Quanto ao tema da marchinha, vale reforçar que, no Brasil, a temática política sempre esteve presente no cancionário popular. Os mais diversos temas satíricos e cômicos fizeram parte das letras de lundus, polcas, maxixes, marchas e cateretês. Vale lembrar que a marchinha de Carnaval demoraria a se tornar a música oficial dos folguedos no Brasil. Foi somente a partir do sucesso de “Pelo telefone”, que a festa carnavalesca, passa a ter melodias cantadas, e a música entra de vez para a crônica política do período de Carnaval.

Segundo o pesquisador de música popular Ricardo Cravo Albin³, a marchinha é um gênero sempre marcado pela crônica de época e pela malícia. São a expressão do humor popular em um contexto de não levar-se nada a sério. Nesse sentido, o que caracteriza a letra da música como discursivamente política são critérios mutáveis, a partir das contradições e discursos presentes na cena política em um recorte sócio-histórico. Para Martins (2014: 21), “variam de acordo com as próprias condições de luta pelo poder nos diferentes períodos [...]”.

Embora não seja o foco deste texto – que busca mostrar que a polêmica pode durar no tempo se gerar produções não tão efêmeras, caso das marchinhas – convém registrar também que, assim como a marchinha pode nascer da polêmica, ela também pode suscitar debate.

Conclusão

Amossy (2017: 49) diz que para alguns teóricos, como o analista do discurso, o sociólogo e o historiador, “a polêmica se mostra rica de ensinamentos na medida em que revela muitas coisas sobre a sociedade e a época na qual o discurso polêmico circula no espaço público”. No mesmo sentido, Martins (2014: 12) apresenta que as marchinhas refletem como “a música popular captou, refletiu ou interpretou fatos políticos - e, em algumas oportunidades, influenciou sobre eles. E, dessa forma, saber como o povo, através da música, percebeu ou foi levado a perceber os enfrentamentos políticos de cada período”.

Neste trabalho, sustentamos que as marchinhas podem ser consideradas um gênero de circulação da polêmica, tratando de temas de interesse público, com letras marcadas pelo humor e pelo dissenso. Amossy (2017) defende que a polêmica é efêmera, que diz respeito ao debate de um tema em voga num dado espaço de tempo. Entretanto, com a circulação da marchinha de Carnaval, é

possível perceber que, neste gênero, a volatilidade do tema polêmico se pereniza no discurso, que, em muitos casos, é manifesto de maneira humorística, visto ser essa uma característica do gênero. Assim, dentre outras tantas formas, a marchinha de Carnaval permite circular, e perdurar, na sociedade o discurso polêmico da crônica social e política.

Notas

¹ Os “Arcos de Jânio”, cuja denominação real é “Arcos da Rua Jandaia”, é um monumento construído entre 1908 e 1914 por imigrantes italianos, característico por ser composto de por 21 módulos, em arcos separados por pilastras. O muro preenche o desnível existente entre as ruas Jandaia e Assembleia da cidade de São Paulo, alcançando cerca de 11 metros em seu ponto mais alto. Disponível em: <<http://www.saopauloinfoco.com.br/historia-arcos-do-janio/>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

² Como formulada no interior da AD francesa, principalmente no trabalho de Courtine (2009), cuja especificidade está na detecção de traços memoriais (repetição, esquecimento, reformulação) na materialidade discursiva.

³ Dados disponíveis no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

Referências

- Amossy, R. (2017).** *Apologia da polêmica*. Coordenação de tradução Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução de Rosalice Botelho Wakin Souza Pinto et al. São Paulo: Contexto.
- Charaudeau, P. (2018).** L’humour dans une démocratie de l’information, Texte de présentation à la journée du LCP, consulté le 12 janvier 2018 sur le site de *PatrickCharaudeau - Livres, articles, publications*. URL: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-humour-dans-une-democratie-de-1.html>
- Charaudeau, P. (2018).** Des catégories pour l’humour?, Revue Questions de communication n°10, Presses Universitaires de Nancy, Nancy, 2006, consulté le 9 janvier 2018 sur le site de *Patrick Charaudeau - Livres, articles, publications*. URL: <http://www.patrick-charaudeau.com/Des-categories-pour-l-humour,93.html>.
- Courtine, J-J. (2009).** *Análise do discurso político*. São Carlos: EdUFSCar.

Maingueneau, D. (2004). *Análise de textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez.

Martins, F. (2015). *Quem foi que inventou o Brasil? A música popular conta a história da República*. Vol. I, de 1902 a 1964. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Nota Bibliográfica

	<p>Ana Cristina Carmelino é professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. Possui pós-doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2015) e pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (2018). É mestre e doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Atua nas áreas de Texto, Discurso e Retórica, com pesquisas sobre produções humorísticas. Coordena o grupo de pesquisa GETHu – Grupo de Estudos de Textos Humorísticos (CNPq). É organizadora dos livros “Nos caminhos do texto: atos de leitura” (2007), “A linguagem do humor: diferentes olhares teóricos” (2009), “Questões linguísticas: diferentes abordagens teóricas” (2012) e “Humor: eis a questão” (2015).</p> <p>E-mail: anaciscarmelino@gmail.com</p>
	<p>Maria Cecília Siffert é doutoranda em Linguística pela Unicamp, mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Graduada em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Newton Paiva, com Licence en études audiovisuelles et cinematographique - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). Pós-graduada em Imagens e Culturas Midiáticas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Redatora Publicitária. Professora em cursos de graduação e pós-graduação. Membro do Grupo de Estudos de Fórmulas e Esteriótipos: Teoria e Análise (FEsTA).</p> <p>E-mail: mariasiffert@uol.com.br</p>